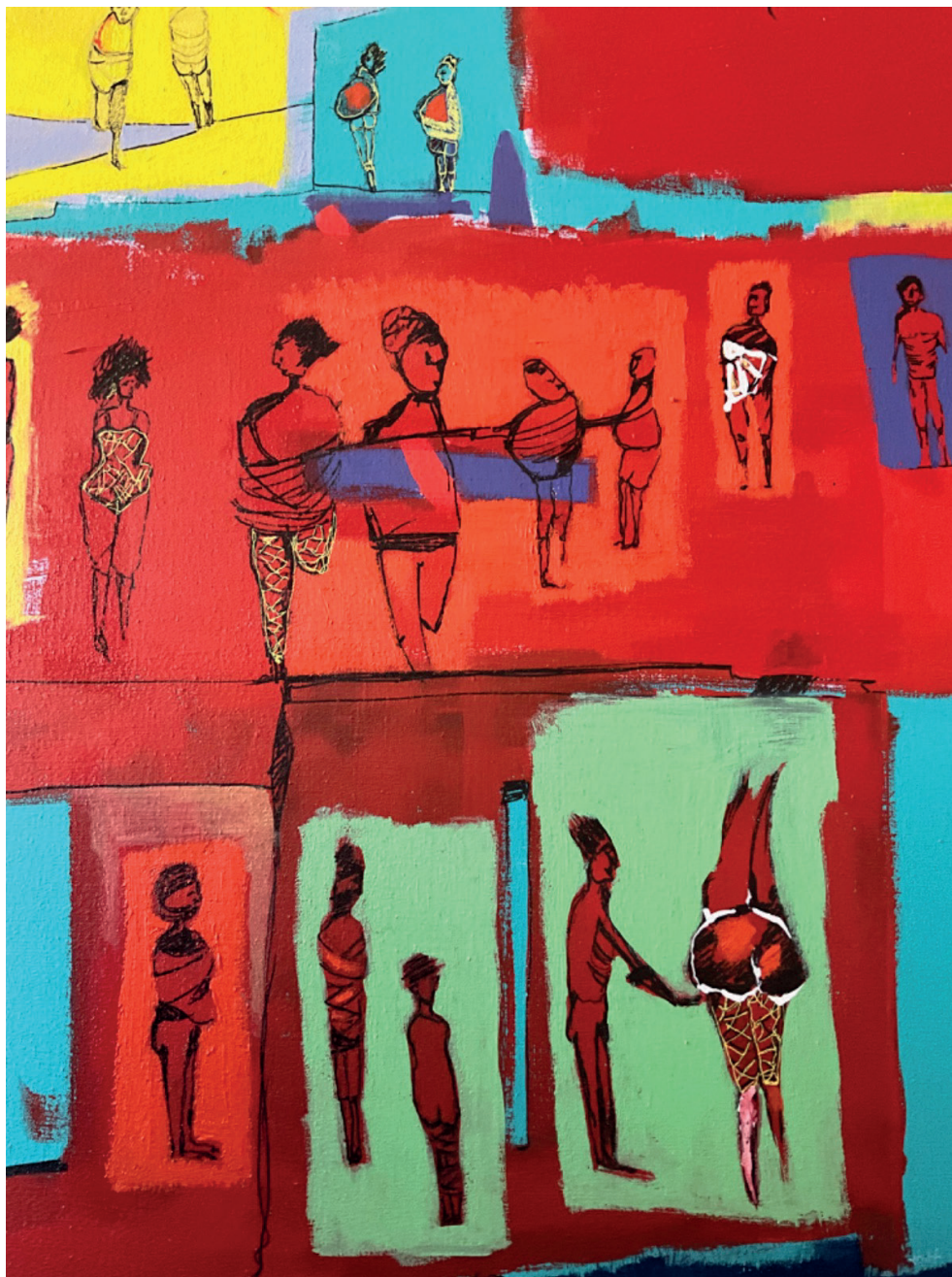


— CONEXÃO —

FEAL 

#31



OUTUBRO 2023

**DIVERSAS CONFIGURAÇÕES
SEXUAIS E DE GÊNERO**

Equipe editorial

Adriana Pontelli

Diretora de Publicações da FEPAL
Psicanalista da Asociación Psicoanalítica de Córdoba (APC)

Alicia Ángeles Ramírez

Analista em formação da Sociedad Peruana de Psicanálise (SPP)

Ana Valeska Maia Magalhães

Analista em formação da Sociedade Psicoanalítica de Fortaleza (SPFOR)

Carolina García

Editor-chefe da Caliban
Psicanalista da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU)

Daniel Senos

Analista em formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Lúcia Palazzo

Diretora Suplente de Publicações da FEPAL
Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Maria José Tavares Barbosa Irma

Psicoanalista de la Sociedad de Psicoanálisis de São Paulo (SBPSP)

Marina Massi

Coordenadora Científica da FEPAL
Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Natalia Mudarra

Psicanalista da Asociación Panameña de Psicoanálisis (APAP)

Ximena Méndez

Analista em formação da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU)

Tradução

Walter Lisboa

Projeto Gráfico / Diagramação

Leo Mangiavacchi

Imagem da capa

Detalhe da pintura Polimorfismo (2023), da série "As Máscaras do Inconsciente". Técnica: acrílico e nanquim sobre tela – 0,70 cm x 0,80 cm. Autora: Carla Tomllenovich. Artista plástico, Graduada em Psicologia (UNC), Analista em formação (APC).

Editorial

No livro *Las malas* (trad. portuguesa: *O parque das irmãs magníficas*), a escritora argentina Camila Sosa Villada cria uma narrativa autobiográfica com matizes de realismo fantástico e linguagem poética. Sua prosa nos introduz na história de um travesti que abandona uma vida no campo marcada por conflitos familiares para recomeçar em Córdoba. Um dos lugares favoritos da cidade é o Parque Sarmiento, frequentado por um grupo de travestis que se reúnem para enfrentar a violência cotidiana que atravessa o mundo LGBTQIAPN+. O livro revela a perda, a dor, a esperança, nos pega pela mão e nos oferece uma lupa para que possamos ampliar nosso olhar sensível para uma realidade marginalizada que existe para além da ficção.

Diversas configurações sexuais e de gênero é o tema atual do Conexão FEPAL. Como nas edições anteriores, nossa equipe editorial aposta pela fertilidade dos diálogos com outros campos de produção de conhecimento. Nessa dinâmica, imagens e palavras compõem uma rede que convoca novas conexões, convida a olhar o mundo em seu caráter mutável, tensionando o que fora introjetado pelo tecido da cultura como convenção. Se a psicanálise abriu caminhos com a bissexualidade psíquica e a sexualidade perversa polimorfa, que novos passos devemos dar atualmente?

A capa desta publicação apresenta um detalhe da obra *Polimorfismo*, que faz parte da série "As máscaras do inconsciente" (2023), da artista Carla Tomllenovich, também psicanalista em formação (APC). A diversidade e sobreposição de planos, a representação na pintura onde outros corpos e sujeitos podem ser imaginados, o colorido multifacetado, o desejo. Ao longo de sua carreira, a artista foi aprimorando sua percepção do sofrimento alheio, explorando inicialmente a temática dos imigrantes, depois com elaborações estéticas de corpos fragmentados e rostos deformados. Ela experimenta continuamente, reinventa texturas e aumenta os aspectos sensoriais de sua obra. Com a psicanálise, diz, "o impacto do inconsciente produziu uma nova explosão nas minhas pinturas e a aposta foi feita em um forte diálogo entre a imagem, o inconsciente, o contexto e o outro/os outros". A arte é um convite, uma direção. A eficácia da imagem está no aguçamento do olhar, na descoberta de uma janela aberta para a surpresa de perceber que o que vemos, afinal, está olhando para nós.

Quatro **Perspectivas** iluminam o tema desta edição. Três delas destacam a necessidade de revisão do referencial teórico psicanalítico para repensar e acomodar em nossa clínica as diversas configurações sexuais e de gênero que exigem ser ouvidas. A pergunta de Natalia Mirza Labraga – em seu artigo *A sexualidade interpela novamente a psicanálise* – é um convite provocativo à reflexão: "Estaremos preparados para reinventar nossas formulações sem perder o potencial subversivo com que surgiram e sem perder sua capacidade heurística dentro da própria psicanálise?" Com argumentos sólidos apresentados em *Psicanálise e gênero: Escuta das dissidências e criação de uma nova epistemologia*, Mariana Pombo ressalta a importância de adotar uma perspectiva histórica da diferença sexual e de rever as marcas patriarcais, coloniais e heteronormativas na abordagem das experiências de dissidência e de mutação. José Galeano vai na mesma direção. O autor de *Notas sobre as configurações sexuais e de gênero diversas* propõe "ampliar o conceito de diferença como acesso ao campo simbólico e aos laços sociais, [e, assim] situar no campo da diversidade o que estava inserido no campo da psicopatologia". Esta seção culmina com o ensaio de Mónica Santollalla, intitulado *De lógicas, espaços e tempos justapostos. Sexualidades diversas*. No coração do texto bate com força uma ideia que a autora articula com sua clínica: "a convivência justaposta de identificações fragmentárias, heterogêneas, opostas, que não se resolvem umas pelas outras, mas buscam, atreladas ao desejo, uma convivência que implica luto, perdas (...) sem que seja necessário ou possível qualquer integração".

No texto de **Interseções** intitulado *Não fomos longe demais? Prouocações em torno da linguagem inclusiva*, Luciana Almada e Facundo Boccardi – especialistas em Comunicação Social –, retomam o panorama da Revolução Francesa e o gesto político da ativista Olympe de Gouges, que fundamentou a linguagem inclusiva em sua crítica ao androcentrismo. No entanto, procuram "suscitar a reflexão, mais do que citar manuais de estilo". Nesse sentido, instigam um pensamento de "des-aprender os modos de produzir conhecimento", a partir da "tarefa contínua e sempre comovedora de construir (e nomear) outros mundos (im)possíveis". Que estratégias temos para lidar com o pânico linguístico que insiste no binarismo? Como podemos "inventar outros usos imaginativos que não estão ligados apenas às palavras, mas também aos corpos e aos prazeres"?

Na seção **Conversações** apresentamos um novo episódio do projeto "Em Língua Viva: FEPAL Hoje". Nesta ocasião, o diálogo com a atual Diretora do Conselho Profissional da FEPAL, María Pía Costa Santolalla (SPP), nos permite conhecer um pouco mais sobre as funções dessa área, as ações realizadas e as propostas para o futuro com relação ao desenvolvimento profissional, à preservação da ética e à geração de um espaço para pensar com outros

colegas sobre os desafios que enfrentamos no exercício de nossa profissão.

Em **Marcadores de Calibán**, Samantha Nigri nos convida a navegar por artigos – publicados na revista – de autores latino-americanos que mergulharam nas profundas águas e no mistério “das sexualidades que nos são impostas, em um contínuo refazer-se”.

Esperamos que essas interessantes contribuições cheguem até vocês, enriqueçam o pensamento, ampliem as perspectivas e contribuam para uma maior abertura na escuta.

Adriana Pontelli y Ana Valeska Maia Magalhães



Perspectivas

A sexualidade interpela novamente a psicanálise

Por **Natalia Mirza Labraga***

Para além das diferentes afiliações teórico-clínicas em que podemos estar inscritos, a sexualidade continua funcionando como um nó que resiste à diluição e que, entramado à concepção do inconsciente, põe em movimento a psicanálise e nossa prática como analistas. No entanto, no contexto atual, a mera referência a diversas configurações sexuais e de gênero já nos alerta a respeito de uma mutação, também controversa, um ponto de discussão aberto.

A partir de nossas práticas cotidianas como analistas, mas também de nossa inserção na *polis* e na cultura, somos atravessados por esses “novos” questionamentos e não podemos nos colocar em uma posição de exterioridade em relação às formas como se apresentam na contemporaneidade os erotismos, as paixões, as práticas sexuais e os posicionamentos identitários em torno do gênero, porque eles inauguram áreas inéditas não apenas da experiência subjetiva, mas também da teorização psicanalítica.

Se Freud, ou um certo viés de sua obra, atribuiu à diferença sexual a supremacia da anatomia, ele mesmo também pôde reformulá-la a partir da força da pulsão e sua implementação a partir das marcas do outro/Outro e de seu desejo inconsciente. Também é indiscutível que algumas de suas abordagens – como a universalidade do falo para homem e mulher, a constituição psíquica bissexual ou a concepção de masculinidade e feminilidade como construções teóricas de conteúdo incerto – ainda contêm um caráter inaugural revolucionário quando se trata de assinalar a abertura em relação a essas questões.

No entanto, a necessidade de uma revisão é inevitável, pois desde nossos binarismos homem/mulher, fálico/castrado, homossexual/heterossexual, até a impugnação das categorias e a defesa da ambiguidade do “gênero fluido” ou da

transexualidade, o golpe é forte e a jornada é longa. Do corpo anatômico como real e a diferença homem/mulher como limite ou ponto de partida inapelável, ao corpo como pura construção cultural ou efeito performativo, onde nos situamos? Com efeito, não se trata de evitar as difíceis encruzilhadas dos desenvolvimentos teórico-clínicos psicanalíticos em torno da noção de gênero, diversidade e diferença, castração e Édipo, entre outros, mas, justamente, de tentar abordá-los sem deixar de nos perguntar: Pode haver espaço para uma tentativa de pensar em profundidade, em termos metapsicológicos ou de funcionamento psíquico, essas situações complexas, sem cair em categorias psicopatologizantes e sem nos perdermos em abstrações modelares universais, às vezes carregadas de juízo de valor?

Psicanalistas convocados a ouvir

Os dissidentes sexuais, os que não se conformam com o cânone, os que reclamam serem ouvidos desde lugares que não são moralizantes nem psicopatologizantes, têm dirigido severas críticas a um tipo de psicanálise muitas vezes situada em um lugar normativo e desqualificador. Essa é uma reclamação que precisamos ouvir. É fundamental contextualizar, ademais, que são movimentos reativos que geralmente irrompem do insuportável das subalternidades, daqueles que foram descartados e considerados como desvio ou descarte, desde o “monstro que nos fala”, como aponta Paulo Preciado¹, como impugnação que é gritado a partir de um lugar ativo de oposição militante às posições dominantes de séculos de patriarcado, falocentrismo e falogocentrismo. Portanto, para além da dimensão pessoal, estamos diante de um posicionamento que também é político (individual ou coletivo, pronunciado ou silencioso). Uma rebelião que envolve também a própria linguagem, não apenas em seu valor significativa, mas como demarcação através da qual se propaga o poder hegemônico.

Precisamente, o surgimento da psicanálise está intimamente relacionado a essa possibilidade de rebelião contra a opressão dos discursos subalternos sufocados – como foram os dos corpos falantes das mulheres históricas, que se fizeram ouvir em seu padecimento. Não obstante, também é verdade que não podemos ficar nesse ponto de origem, mas precisamos expandir e repensar as formas sempre renovadas de opressão, sofrimento, desejo e gozo. Porque, embora os processos de construção subjetiva, a partir da imersão violenta na linguagem e da divisão

¹ Alusão às palavras de Paul B. Preciado em intervenção na 49ª Journées de l’Ecole de la Cause Freudienne, Mulheres na Psicanálise, novembro de 2019.

radical pelo inconsciente, suponham em si mesmos uma inscrição traumática de proibições e desejos nos corpos, isso não acontece sem atravessamentos sociopolíticos ou econômicos, que marcam alguns deles como "anormais" e excluídos. Além disso, precisamos pensar nas novas formas de opressão e violência que a sexualidade cria, em situações de abuso, maus-tratos e até morte, conjugadas com um erotismo sem "elaboração" ou amarras libidinais.

A partir dessas remoções, devemos ser capazes de nos perguntar: que revisões e mutações podem esperar nossas conceituações e nomeações psicanalíticas? Estaremos preparados para reinventar nossas formulações sem perder o potencial subversivo com que surgiram e sem perder sua capacidade heurística dentro da própria psicanálise? Obviamente, não se trata de transformar a psicanálise em plataforma para ativismos, porque há uma disjunção que é evidente: o terreno das lutas e das demandas políticas não é o mesmo da reflexividade conceitual, nem o da intimidade do erotismo ou da sessão de análise. E, embora todos estejam inevitavelmente entrelaçados, há aspectos que dizem respeito à cena transferencial em que analista e analisando parecem estar fora do tempo e do espaço. De qualquer forma, a posição incômoda e em permanente exercício de recuperação da função analítica, sempre abstinente, mas envolvida e localizada em seu contexto de enunciação, exige também que não se ignore um tipo de sofrimento que provém da condição de subalternidade e da discriminação, reduzindo suas manifestações a queixa neurótica ou fantasmas individuais.

O desafio seria justamente saber ouvir e acusar o golpe, sem perder o compromisso e o entusiasmo no que diz respeito à nossa prática como analistas, que não pode deixar de estar em relação com a ética da verdade do inconsciente. Porque, se a sexualidade nos faz pensar, falar e discutir com essa intensidade é porque continua sendo, em si mesma, um enigma insondável e insolúvel; porque leva consigo uma opacidade que não se pode evitar, senão, em todo caso, contornar na pequena cena única e sempre renovada – mesmo na repetição – de um encontro transferencial. Aceitar esse limite seria ao mesmo tempo uma condição e uma abertura para novas questões e revisões, reinventando tanto os termos quanto nossa própria tarefa, para continuar "estando" psicanalistas.

** Psicanalista da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU). Atual Diretora Científica da APU (período 2023-2024). Professora do Mestrado do Instituto de Formação da APU (IUPP). Ex-membro do Comitê Executivo da Revista Calibán (Federación Psicoanalítica de América Latina FEPAL).*

Psicanálise e gênero: Escuta das dissidências e criação de uma nova epistemologia

Por *Mariana Pombo**

Presenciamos, na contemporaneidade, revoluções e transformações importantes nas relações entre os gêneros, nas identificações de gênero, nas experimentações corporais e sexuais e também nas formas de exercício da parentalidade. Os binarismos sexuais e de gênero, os papéis atribuídos à mulher e ao homem na sociedade e na família, a estrutura familiar nuclear e o pressuposto heterossexual do parentesco vêm sendo colocados na berlinda, seja por movimentos políticos, seja pelas próprias mudanças sociais, morais e científicas que vêm ocorrendo desde a segunda metade do século XX.

Nesse contexto, os corpos dissidentes do regime da diferença sexual tomam a palavra e se dirigem, inclusive e diretamente, a nós, psicanalistas. Foi o que fez, em novembro de 2019, o filósofo *queer* Paul B. Preciado, em uma conferência na Escola da Causa Freudiana, em Paris – conferência que foi bastante comentada no nosso meio psicanalítico e que no ano seguinte foi publicada em formato de livro, intitulado *Eu sou um monstro que vos fala* e endereçado aos psicanalistas.

Naquela ocasião, Preciado (2020) afirmou que a epistemologia da diferença sexual está em crise, em mutação. O que significa a diferença sexual estar em mutação? E, ainda, de que maneira essa crise anunciada nos interpela, na condição de psicanalistas, e nos exige revisões de nossa teoria e clínica? Antes de mais nada, esse anúncio traz consigo uma premissa fundamental, que, apesar de aparentemente óbvia, deve ser enunciada, porque ainda suscita bastante resistência no campo da psicanálise: trata-se da premissa de que a diferença sexual pode mudar, é mutável, e ainda, indo além, de que essa mutação é positiva, importante e deve ser acolhida por nós, deve nos

animar a repensar a própria psicanálise enquanto discurso e prática.

Ou seja, ao defender que a diferença sexual está em mutação, nos afastamos de uma compreensão estruturalista da diferença sexual, sustentada por autores como Françoise Héritier (1996), que entende a divisão binária e hierárquica entre os sexos (masculino e feminino) como fundante do humano e da cultura, uma categoria insubstituível, da qual não se pode abrir mão, cuja mínima mudança ou é impossível ou é uma grande ameaça à ordem simbólica e à boa subjetivação.

Em contraposição à compreensão estruturalista, teóricos *queer* como Preciado (2002, 2020) e Judith Butler (1990/2013, 1993/2019) propõem que adotemos uma perspectiva histórica, isto é, que entendamos a diferença sexual como epistemologia historicamente construída, como dispositivo histórico, no sentido que Foucault (1976/2013) imprime ao termo quando fala de dispositivo de sexualidade, ou como uma máquina performativa – é de tanto performarmos masculinidade e feminilidade nos nossos rituais cotidianos, que produzimos a ficção de que existem, e sempre existiram, dois gêneros e dois sexos com atributos específicos.

E a adoção dessa perspectiva que pensa a diferença sexual como categoria histórica nos abre para duas possibilidades interessantes. A primeira é fazer uma genealogia dessa epistemologia, mostrando as marcas patriarcais, coloniais, cis e heteronormativas que ela carrega e como ela pode ser violenta e excludente com as dissidências sexuais e de gênero, como, por exemplo, as pessoas trans ou as que se reconhecem como de gênero não binário, as famílias minoritárias, e todos aqueles que não se enquadram nos esquemas de inteligibilidade produzidos por esse paradigma.

A segunda é abraçar a ideia da mutação, a possibilidade de essa epistemologia ser substituída por outra, não binária, não hierárquica, multiforme, em que a diferença sexual, tida como a diferença das diferenças, ceda espaço para uma multiplicidade de diferenças. É ao movimento de acolher a mutação e de se engajar na criação coletiva dessa nova epistemologia que Preciado (2020) nos convoca, depois de criticar que a psicanálise continua partindo do paradigma, binário e hierárquico, da diferença sexual para analisar os novos processos de subjetivação e acaba, com isso, reafirmando relações e posições relativas a sexo e gênero inscritas em uma época histórica específica, patriarcal e machista. Daí inclusive o autor chamar a psicanálise de ciência do inconsciente patriarco-colonial.

E essa posição acaba também considerando quem não se conforma ou transgredir determinadas “leis” tidas como estruturantes do psiquismo, quem não assume as posições sexuais “previstas”, como abjeto, não humano.

Quando Preciado (2020) se dirige a nós, psicanalistas, dizendo que é um monstro que nos fala, ele também está denunciando que as pessoas trans, como ele, por serem dissidentes desse regime da diferença sexual, são colocadas na jaula da monstrosidade, e patologizadas por muitos psicanalistas: são ditas psicóticas, fora do sexo, incapazes de resolver o Édipo, etc.

Desse modo, a provocação é para que reconheçamos que as normas antigas de gênero e inclusive certos dispositivos teórico-clínicos da psicanálise, como a primazia do falo, o complexo de Édipo, certos binarismos e hierarquias (masculinidade x feminilidade, função paterna X função materna), estão defasados e precisam ser questionados e renovados. Além disso, também é um convite para que escutemos as experiências de dissidência e de mutação, aprendamos com elas e criemos novas possibilidades de teoria e de escuta psicanalíticas que acolham particularidades de gênero, sexualidade, cultura e raça (Ayouch, 2019). É claro que não se trata de invalidar a potência subversiva da psicanálise, mas de enfatizar que muitos conceitos têm uma inscrição histórica específica e necessitam ser repensados na atualidade para essa potência ser aproveitada ao máximo. Isso para que não sejamos o que o psicanalista Michel Tort (2019) chama de psicanalistas ventríloquos: psicanalistas contemporâneos que, diante do novo, continuam repetindo conceitos psicanalíticos antigos, como se eles fossem universalmente válidos, como se existissem fora da história...

** Psicanalista e professora do curso de Psicologia e da pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, com sanduíche na Université Paris Diderot. Autora de "A diferença sexual em mutação: subversões queer e psicanalíticas" (Calligraphie, 2021)*

Referências

- Ayouch, Thamy. *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade, subjetivações*. Curitiba: Calligraphie, 2019.
- Butler, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* (1990). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.
- _____. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"* (1993). São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- Foucault, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (1976). 23.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.
- Héri-tier, Françoise. *Masculin/Féminin I: la pensée de la différence*. Paris: Odile Jacob, 1996.
- Preciado, Paul B. *Manifiesto contrasexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.
- _____. *Je suis un monstre qui vous parle*. Paris: Grasset, 2020. (versión Kindle).
- Tort, Michel. *Las subjetividades patriarcales: Un psicoanálisis inserto en las transformaciones históricas*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2019.



Notas sobre as configurações sexuais e de gênero diversas

Por *José Galeano**

O 35º Congresso Latino-Americano de Psicanálise, que acontecerá no Rio de Janeiro em outubro de 2024, tem como proposta "*Intolerância, fanatismo e realidade psíquica*", tema convocatório em meio a um mundo convulsionado, com exacerbação de discursos e práticas de violência e intolerância ao outro, ao diferente, entre os quais podemos incluir aqueles/as com configurações sexuais e de gênero diversas.

A proposta é, desde o interior da Psicanálise, revisar quais são nossos posicionamentos teóricos e clínicos sobre essa questão, quanta receptividade oferecem nossos dispositivos psicanalíticos à diversidade sexual e de gênero. Minha proposta é que, para que uma *Psicanálise latino-americana contemporânea* esteja à altura da época, faz-se necessário realizar um processo de revisão e desconstrução daqueles pensamentos que ficaram atrelados aos modos sócio-históricos patriarcais e heteronominativos.

A diversidade dos existenciários sexuais e de gênero nos convida a refletir sobre o valor atribuído à diferença *sexual* como determinante primário e fundamental da constituição do sujeito e sua equiparação com a diferença simbólica. Como diz Blestcher: "o fato de a diferença de sexos ter sido o parâmetro que, no contexto das relações familiares do século XX, articulou o sistema de bipartição de gêneros e suas assimetrias posicionais, não é comparável ao reconhecimento da alteridade e não pode ser identificado como a pedra angular de toda ordem simbólica" (2017, p. 42).

Portanto, um dos elementos a serem revisados em nosso corpus teórico é a *diferença sexual* como a única diferença possível, e propô-la antes como uma

das diferenças, mas não a única. Ampliar o conceito de diferença como acesso ao campo simbólico e aos laços sociais – como enunciado por Glocer Fiorini (2015) – seria uma proposta, uma vez que a questão passa pelo reconhecimento do outro como semelhante. Essa ideia permite situar no *campo da diversidade* o que estava inserido no *campo da psicopatologia*, como a homossexualidade associada à perversão, e os existenciários trans associados à psicose.

Em relação à homossexualidade, encontramos na pena de Bleichmar (2005) um trabalho comprometido de redefinição da perversão como um modo de relação com o outro, que dessubjetiva e desmente a castração como desestimação do limite, que implica a presença do outro ser humano para o próprio gozo. Com essa definição, ele deixa claro que a homossexualidade não é uma categoria que alude à perversão, mas a um modo de escolha do objeto de amor.

Esse mesmo caminho de revisão corresponde aos existenciários trans, o que encontra ainda mais resistência dentro da Psicanálise. Para realizar esse caminho, penso que temos um trabalho árduo de questionamento do binarismo ainda vigente e da patologização de qualquer posição de gênero que não se encaixe nas classificações convencionais de masculinidade ou feminilidade. Isso implica não presumir que as identidades trans são falhas da constituição psíquica. Dessa forma, pode-se afirmar que as formas de exercício da sexualidade ou os posicionamentos identitários não definem, por si só, a estruturação psíquica nem a eventual psicopatologia.

Nessa linha de pensamento, vale destacar também outro elemento para pensar o campo da diversidade sexual e de gênero: o closet (armário), como forte dispositivo de regulação da vida social que atua sobre as sexualidades, os desejos e os corpos dissidentes e participa dos processos de subjetivação, gerando sofrimentos psíquicos específicos (Tajer, 2020). Entender e compreender a experiência do closet em pessoas LGBTQ+ abrirá para nós um espaço de escuta que permitirá que pessoas ou pacientes expressem experiências que não puderam ser narradas antes.

A Psicanálise tem uma dívida com a diversidade, pois nem sempre ofereceu hospitalidade. Como diz Reitter: "que a teoria analítica elimine o lastro homofóbico (e eu diria transfóbico também) que ela contém depende

exatamente do mesmo do qual depende o destino de cada análise: de que os analistas se deixem questionar, de que ouçam o que os analizantes têm a dizer em vez de se apegarem religiosamente à teoria, por mais interessante, valiosa e estimada que ela seja" (2018, p. 34).

Penso que nossa tarefa é abrir-nos à troca de novos pensamentos que nos permitam manter viva a psicanálise, de modo que nossa escuta possa continuar a acolher o sofrimento humano em sua diversidade e, segundo Bleichmar (2005), que sejamos dignos para o nosso tempo e que nossos escritos sejam honestos e avançados para a época em que vivemos.

Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica de Assunção (APdeA). Membro da Equipe de Coordenação Científica da FEPAL 2022-2024. Membro de enlace do COWAP.

Referencias

- Bleichmar, S. (2005). *La sexualidad a cien años de los Tres Ensayos*. En Cien años de sexualidad (Año 3, número 3).
- Blestcher, F (2017). *Infancias trans y destinos de la diferencia sexual: nuevos existenciaros, renovadas teorías*. En: *Psicoanálisis y género: Escritos sobre el amor, el trabajo, la sexualidad y la violencia*.
- Glocer Fiorini, L (2015). *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones*. Lugar Editorial.
- Reitter, J. (2018). *Edipo gay. Heteronormatividad y psicoanálisis*. Letra viva.
- Tajer, D. (2020). *Psicoanálisis para todxs: Por una clínica pospatriarcal, posheteronormativa y poscolonial*. Topía Editorial.

De lógicas, espaços e tempos justapostos Sexualidades diversas

Por **Mónica Santolalla***

Nas últimas décadas do século passado – e em franco desenvolvimento neste século –, tornou-se evidente no cinema, nas pinturas urbanas e nas comunicações de massa que as narrativas desafiam a cronologia, para dar lugar a uma infinidade de mundos fragmentários e descontínuos.

Lembro-me de que em 2010, na Argentina, um comercial de cerveja comemorava o Bicentenário da República sobrepondo os tempos e dando vida possível àquele interstício entre eles: os tempos da Revolução de Maio com os tempos atuais. O comercial tem um significado possível, desde que se conheça a história do meu país, mas para quem não a conhece, os significados podem ser provavelmente diferentes. Convido você a ver o anúncio no link indicado no pé de página, certamente surgirá uma pluralidade de traduções¹.

Essa comunicação de massa me permite abrir um caminho possível para apresentar algumas ideias que foram amadurecendo em minha clínica e com as quais minhas pacientes trans colaboraram muito: *a convivência justaposta de identificações fragmentárias, heterogêneas, opostas, que não se resolvem umas pelas outras, mas buscam, atreladas ao desejo, uma convivência que implica luto, perdas e tenta, na maioria das vezes, ser pacífica e produtiva em sua conflitividade sem que seja necessário ou possível qualquer integração.*

Proponho colocar essas ideias em prática a partir de algumas perspectivas que apresento a seguir.

Mobilizar as identificações: "Que meu filho não tenha que militar sua vida..."

"Celeste", referencial da comunidade trans em Córdoba, está prestes a se tornar

¹ Publicidade Quilmes Bicentenário (2010). Acessível em: https://youtu.be/d_e4p0hmw00?si=wgP20QcuTpJT4svB

mãe, junto com seu parceiro, Matías, homem trans com quem vive há alguns anos. Ambos estão muito animados porque foi uma gestação muito procurada, em um processo em que ambos tiveram que interromper seus tratamentos hormonais.

À pergunta: "O que você sonha para o seu filho?", a primeira coisa que Celeste diz é: "Que ele não tenha que militar sua vida como eu tive que fazê-lo. Que ele se preocupe com os exames e não com qual banheiro usar na escola, ou que não tenha que sofrer se impedirem algum de seus colegas a relacionar-se com ele porque tem pais trans."²

Militância é uma palavra derivada do latim "militaris",³ usada como substantivo ou adjetivo, para designar um esforço relacionado à guerra, seus ataques ou defesas. A militância nos remete a lugares onde habitam as identificações, mesmo quando seja impossível confirmar que tais ou quais identificações possam ser verificadas. Na minha clínica, a militância é acolhida de forma bastante privilegiada, tentando situá-la em várias encenações fantasmáticas que, como sugeriram Laplanche e Pontalis, não são objetos de desejo, mas constituem o palco para o desejo, "encenação e dispersão do sujeito em uma variedade de posições identificatórias".⁴ Esses cenários ou ambientações podem ocorrer, contanto que o objeto original tenha se perdido irremediavelmente e, conseqüentemente, as fantasias que sustentam as identificações possam emergir, em palavras. Na clínica, surgem fantasias que recusam os mandatos identificatórios e necessitam de espaço e tempo para emergir do mutismo.

As identificações não são metas terapêuticas a serem alcançadas, são espaços subjetivos que precisam ser trabalhados para que não permaneçam fixos, criptografados, de modo que permitam um certo desapego identificatório. Não estou com isso justificando a heteronormalização; nesse sentido, é imperioso que o analista seja cuidadoso de sua própria ideologia psicanalítica.

Diversidade e diferença: "Meu nome é Flor, mas não me esqueço de Valen"

Conheci Valentín quando já havia começado o tratamento hormonal, e foi durante a análise que foi surgindo a construção de Florência.

Ambos os nomes – o atribuído e o escolhido – fluíram na análise até o momento em que Florência começa a despir Valentín, e a transição, impulsionada por estrogênios, progesteronas e desejo, vai posicionando Florência. Essas migrações foram presididas por angústias múltiplas, forças heterogêneas irredutíveis a uma única identidade, língua, cultura ou nome. O uno era o perdido.

À medida que os hormônios faziam seu trabalho na voz, a sonoridade ia mudando. No início de cada sessão, o tom das primeiras palavras proferidas orientava, como

² Jornal La Voz del Interior (13 de outubro de 2019). Acessível em: <https://www.lavoz.com.ar/ciudadanos/una-segunda-familia-para-nineces-trans/>

³ Corominas, Joan & Pascual, José A. (1991_1997). Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico. Volume IV. Madrid: Gredos.

⁴ Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1986). "Fantasy and the origins of sexuality". In Burgin, V.; Donald, J.; Caplan, C. (ed.): Formations of Fantasy. Londres-New York: Methuen.

uma bússola, se eu falaria naquele dia com Valentín, com Florência, com ambos ou nenhum deles.

No entanto, a experiência trans, de passagem, é nômade e a bússola sonora deixou de ser eficaz, à medida que a desconstrução da voz se aprofundava, transformando-se em novas sonoridades. "Meu nome é Flor, mas não me esqueço de Valen", repetia. Florência emergiu do corpo de Valentín, assinou a autorização para a certidão de nascimento, com um novo nome legalizado em uma nova carteira de identidade nacional. Nesse momento, o lapso fez sua aparição, mas não do lado do paciente, e sim do lado do analista. Valentín foi nomeado na voz da analista, que tropeçava com as revoluções invisíveis, as transformações sem data de início ou expiração pelas quais Florência estava atravessando. Na clínica, carregando meus lapsos, me vi confrontada com meus preconceitos, meus limites ideológicos e minhas marcas heteronormativas: o trabalho de desidentificação faz parte do dever do paciente, mas também do analista.

Muitas vezes, de forma coloquial, o diverso" e o diferente" são usados de forma intercambiável. Ambos são conceitos polissêmicos, são lógicas paralelas, heterólogas, mas não são a mesma coisa; compartilham, no entanto, a função de serem constitutivas das subjetividades.

Entre a diferença e a diversidade, abre-se um campo ambíguo, mas fecundo, a ponto de Laplanche ter se perguntado, certa vez, se se justificava todo o ruído feito em torno dos termos "diferença" e "diversidade".⁵

Essa diferenciação abre as portas para a complexidade do trabalho subjetivo de admitir que restrições profundamente arraigadas podem ser colocadas em termos de limites simbólicos, pressões simbólicas que são exercidas sobre o devir sexuado, sempre indócil e desconforme.

Se concordamos que a subjetividade se constitui em colisão e superposições heterogêneas, podemos então pensar que as apresentações mutáveis da sexualidade não são necessariamente um ataque a uma determinada ordem simbólica, tal como foi sustentado por Balandier,⁶ e posteriormente por Leticia Glocer.⁷

As configurações sexuais e as configurações de gênero são configurações diferentes; nesse sentido não são diversas, uma vez que a diversidade se refere a derivas variadas de um mesmo ponto de partida. A diversidade é encontrada em cada uma das configurações identificatórias. É exatamente nesse ponto que surge a ideia de **lógicas, espaços e tempos justapostos**.

⁵ Laplanche, Jean (2003). Castración. Simbolizaciones: Problemáticas II. p.58. (Tradução portuguesa: Castração. Simbolizações. Problemáticas II. p.39.)

⁶ Balandier, G. (1988). El desorden. Barcelona: Gedisa.

⁷ Glocer Fiorini, Letícia (2015). La diferencia sexual en debate: Cuerpos, deseos y ficciones. p. 103.

* *Psicanalista, membro titular da Associação Psicanalítica de Córdoba e atual presidente. Especialista IPA em Psicanálise com Crianças e Adolescentes. Professora titular do Instituto de Formação da Associação Psicanalítica de Córdoba. Coordenadora de Infância e Adolescência da FEPAL para o período 2016/2018.*

Referências

- Balandier, Georges (1988). *El desorden. La teoría del caos y las ciencias sociales*. Barcelona: Gedisa.
- Corominas, Joan & Pascual, José A. (1991-1997). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos.
- Jornal *La Voz del Interior* (13 de outubro 2019). Acessível em:
<https://www.lavoz.com.ar/ciudadanos/una-segunda-familia-para-nineces-trans/>
- Glocer Fiorini, Leticia (2015). *La diferencia sexual en debate: Cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Laplanche, Jean (2003). *Castración. Simbolizaciones: problemáticas II*. 1ª reimp. Buenos Aires: Ed Amorrortu. (Tradução portuguesa: Laplanche Jean (1988). *Castração. Simbolizações. Problemática II*. São Paulo: Martins Fontes.)
- Laplanche, Jean & Pontalis, Jean-Bertrand (1986). "Fantasy and the origins of sexuality". In Burgin, V.; Donald, J.; Caplan, C. (ed.): *Formations of Fantasy*. Londres-New York: Methuen.
- Publicidad Quilmes Bicentenario argentino spot (2010). Acessível em:
https://youtu.be/d_e4p0hmw00?si=wgP20QcvTpJT4svB



Interseções

Não fomos longe demais? Provocações em torno da linguagem inclusiva

Por **Luciana Almada*** e **Facundo Boccardi****

A transformação das relações econômicas não é suficiente. Temos de levar a cabo uma transformação política dos conceitos-chave, ou seja, dos conceitos que são estratégicos para nós. Porque há uma outra ordem de materialidade que é a da linguagem, que é trabalhada, de dentro para fora, por esses conceitos estratégicos. Ao mesmo tempo, ela está diretamente ligada ao campo político, no qual tudo o que diz respeito à linguagem, à ciência e ao pensamento, refere-se à pessoa como subjetividade e à sua relação com a sociedade. E não podemos deixar isso ao poder do pensamento heterossexual ou pensamento da dominação. Monique Wittig. O pensamento hétero.¹

Há alguns anos, Gabriel Giorgi se perguntava: "O que podemos aprender com essa arrepiante aceleração da violência e da linguagem que do Brasil, e sob o nome de "Bolsonaro", está abalando toda a região?"². A interpelação adquire uma atualidade suspeita em nosso contexto e a desculpa deste ensaio nos permite, mais do que afirmar, questionar sua frase final: Não fomos longe demais?

O dia em que Olympe de Gouges inventou a linguagem inclusiva

O feminismo, tal como o conhecemos, ainda não existia, mas podemos identificar um gesto profundamente político e revulsivo que funda uma crítica ao androcentrismo linguístico que ainda permanece vigente. Em 1791, Olympe de Gouges redigiu a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, produzindo uma poderosa ação de política linguística que acabaria por lhe custar a vida³. Com

¹ Wittig, Monique (2006) *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: Egales. P. 127

² Nos referimos al artículo de prensa, "No fuimos demasiado lejos...recién empezamos a movernos". Recuperado de: <https://www.pagina12.com.ar/150953-no-fuimos-demasiado-lejos>

esse gesto, Olympe questionou o alcance universal do termo "homem" inscrito no texto fundamental da Revolução Francesa – a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* – e, assim, denunciava que todas as mulheres se encontravam excluídas de tais direitos. Essa luta pela equidade "formal" entre homens e mulheres será posteriormente retomada e aprofundada nas correntes reconhecidas como "feminismos da igualdade".

Nas coordenadas atuais, podemos sentir que esse fato carece de radicalidade, pois ainda mantém a legibilidade da estrutura binária; no entanto, a operação de Olympe encontra-se, sem dúvida, entre as condições de possibilidade das contendas atuais.

Criatividade erótica da linguagem, ou da língua?

Se as políticas do conhecimento são políticas sexuais, os debates em torno da linguagem inclusiva nos convidam a pensar como o trabalho intelectual, no sentido ético-político-ativista-acadêmico-afetivo, pode ser um modo de luta pela justiça erótica, nos termos de Gayle Rubin (1989).⁴ Uma maneira criativa/reactiva de expandir/dilatar a linguagem (pedagógica) como atividade erótica e teórica.

O texto que compartilhamos tem como objetivo agitar o pensamento, mais do que citar manuais de estilo. Uma contaminação/contágio/infecção entre os saberes e práticas de "isso" que não sabemos como abordar, nomear, escrever/inscrever na linguagem, como teorizar, pronunciar, tornar visível. Já em 2018, val flores⁵ nos fazia perguntas a propósito de como imaginar a política da língua (ou da linguagem?):

Que vocabulários utilizamos e que gramáticas produzimos em nossos discursos, práticas e silêncios dentro de um espaço institucional que promove a padronização e higienismo da linguagem pedagógica, extinguindo seu potencial poético, político e estético? Que escritos educacionais sacodem a gestão técnica da palavra e sua racionalidade instrumental que continua aniquilando nossas vidas como sapatão, intersex, bichas, loucos, travestis, trans, bissexuais, mulheres, chongas⁶ gêneros fluidos, apagando as memórias de nossas lutas e silenciando os saberes construídos na deambulação de nossas dissidências?

³ Dois anos depois, Olympe Goivas foi condenada à morte e guilhotinada em Paris pelos revolucionários franceses.

⁴ Rubin, Gayle (1989): "Reflexionando sobre sexo: notas para una teoria radical de la sexualidad". In: Vance, Carol. Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina. Madrid: Revolução.

⁵ Referimo-nos ao texto intitulado "La pregunta como sabotaje epistémico". Disponível em: <http://escritoshereticos.blogspot.com/2018/08/la-pregunta-como-sabotaje-epistemico.html>

⁶ A palavra "chonga", utilizada na Argentina, costuma ser associada à masculinidade lésbica, mas não se reduz a isso. Cf. fabi tron y valeria flores (comps.). Chonguitas: masculinidades de niñas. Neuquén: La Mondonga dark 2013. Acessível em:

<https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2013/02/Chonguitas.-Masculinidades-de-ni%C3%B1as.pdf>

Na disputa ligada a des-aprender os modos de produzir conhecimento, de/nas instituições e na contramão da corrente das pessoas, nas salas de aula, nos museus, nas casas, nas ruas e nas camas, entendemos esse debate não como propriedade de linguistas ou especialistas nos “usos corretos segundo a RAE”,⁷ mas como a tarefa contínua e sempre comovedora de construir (e nomear) outros mundos (im)possíveis.

Não somos (tão) ingênuos. Sabemos que vivemos em um ambiente feito de/por normas (os rótulos, os estereótipos e os diagnósticos), é assim que conhecemos o mundo e é aí que são debatidos não apenas os jogos de saber-poder, mas também toda uma bateria de sensibilidades que tecem o social cotidianamente. A letra da lei, outro exemplo muito claro do *que as palavras fazem*. A linguagem, assim entendida, não (só) descreve um mundo que o precede, mas que (também) o produz, o prescreve. Esse modo de conhecer é sexuado, generizado e ordenado por meio de mecanismos linguísticos que distribuem diferencialmente a inteligibilidade (Butler, 2007).⁸ Nesse sentido, talvez seja oportuno fazer uma rápida revisão da transição entre pensar alternativas de linguagem não sexista ou com perspectiva de gênero, para um trans-bordamento proposto por esses debates sobre linguagem inclusiva / incisiva / (im)própria / incômoda / irredutível / intraduzível, que nada mais é do que a evidência de que as coisas não estavam bem como estavam, não eram suficientes, e que possibilitar esses deslocamentos (desestabilizar as formas hegemônicas de conhecimento), em uma discussão crítica, tenta inventar outros usos imaginativos que não estão ligados apenas às palavras, mas também aos corpos e aos prazeres.

A língua tem claramente muitas camadas, e isso pode confundir. Além disso, seus usos são polivalentes. Pode parecer estranho, portanto, que aquelas posições conservadoras que se levantaram impetuosas contra o desdobramento linguístico (os/as) para blindar a língua da ameaça feminina, depois o reivindicaram como antídoto contra as propostas que corroem os binarismos. O pânico linguístico primeiro tentou proteger o masculino universal, agora tenta manter a estrutura binária, mesmo que tenha que se subjuguar a “todos e todas”. Mas talvez o debate esteja se desenrolando em vários níveis, quiçá não seja uma investida racional, voluntária e soberana contra a estruturalidade do cis-tema da língua, mas que todes es garotes (simplesmente) falam e escrevem mostrando, uma vez, e outra vez, as falhas da inteligibilidade. A língua é uma arena de luta, mas sua história não segue a linha reta da emancipação progressiva nem obedece diretamente a vontades organizadas.

⁷ NdT) A Real Academia Espanhola (RAE) é uma instituição cultural espanhola dedicada à regularização da linguagem por meio da promulgação de regulamentos destinados a promover a unidade linguística nos vários territórios que compõem o mundo hispanófono.

⁸ Butler, Judith (2007). *El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad*. Barcelona: Paidós.

A língua pertence a quem a trabalha

Em um texto de 2020, Sofía Caballero Menas e Patricia Bandín⁹ explicitaram o vínculo problemático no (ab)uso que os discursos contra a linguagem inclusiva fazem da língua de sinais, nomeando-a como a “verdadeira” linguagem da inclusão. “Nada de nosotrxs sin nosotrxs”¹⁰ é um dos slogans que a Comunidade Surda repete na hora de mostrar os diferentes modos de apropriação cultural, e a associação com a “língua de sinais” é incorreta em vários sentidos. Por um lado, desconhece que é a língua natural própria de uma comunidade específica, não é universal e seus significantes se organizam em uma materialidade visuo-espacial (Caballero Menas e Bandín, 2022: 41). Por outro lado, é um exemplo claro de uma atitude audista: apesar da “boa vontade” de uma pessoa em promover o aprendizado da língua de sinais, desde uma total falta de conhecimento e desde um lugar de suposta superioridade, se fala em nome de e se desconhece a agência e a luta das Pessoas Surdas.

Seguindo Mauro Cabral,¹¹ essa ferida na página, essa irrupção das grafias e, x, *, entre outras, que não tem pronúncia, que salta para fora da linha, que parece uma estrela ou um buraco, incomoda não pela sua forma, mas pelo seu conteúdo. É a sexualidade transformada em palavra, esse nó que se ajusta toda vez que o que se perde ou se torna difuso é a fronteira que pode nos colocar em uma ou outra caixa, quando a demarcação sexo-genérica se torna fluida, líquida, saliva. É a Educação Sexual Integral exigida pelxs criançxs, que se infiltra no debate. Como animais sexuados/sexuais, a linguagem inclusiva poderia se tornar um buraco para incluir o prazer de/na palavra, e não apenas a correção política ou uma nova norma linguística.

Coda

Diz-se, hoje, que os tempos que atravessamos são obscuros, que os feminismos foram longe demais e que se aproxima um futuro de descida rumo à lamentável perda de legitimidade. Algo disso pode ser sentido nas ruas. Podemos pensar que

⁹ Referimo-nos à publicação *Lenguaje inclusivo: ¿cómo, por qué y para qué?*, especificamente ao artigo “¿Qué relación hay entre el lenguaje inclusivo y la lengua de señas argentina (LSA)?”.

Disponível em:

<https://ffyh.unc.edu.ar/publicaciones/2022/09/09novedad-editorial-lenguaje-inclusivo-como-por-que-para-que/>

¹⁰ (NdT) “Nada de nxs sem nxs”. Diferentemente do português, em espanhol, o pronome da primeira pessoa do plural possui gênero (nosotros, nosotras).

¹¹ Nos referimos al texto titulado “*Por qué el asterisco”. Recuperado de:

<https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/subnotas/1991-1997.html>

os feminismos devem combater a ignorância do conservadorismo com a clareza de pedagogias iluminadoras em favor da inclusão. Mas talvez, como disse Luce Irigaray (2007¹²), não se trate de deixar a caverna, mas de mergulhar cada vez mais em suas profundezas. Talvez não tenhamos que fundar novos protocolos mais justos, mais claros e mais inclusivos, mas enlamear essas línguas, que também são corpos, nessa escuridão que esbate os limites das identidades.

** Luciana Almada é uma ativista lésbica e feminista pró-sexo. Trabalha como pesquisador*, professor* e assistente na Universidade Nacional de Córdoba e como assessor* em projetos para organizações sociais, como a Red para o reconhecimento do trabalho sexual. Licenciada em Comunicação Social, doutorand* em Estudos de Gênero e quase Especialist* em Memórias Coletivas, Direitos Humanos e Resistências. Dispers* para pesquisar, interessa-se pelas comunidades sexuais marginalizadas, a história recente, os arquivos e estudos sobre/do trabalho.*

*** Facundo Boccardi dedica-se à pesquisa, ao ensino e à intervenção no campo dos estudos de gênero e sexualidades. A partir de sua prática de pesquisa, abordou a formação docente em ESI (Programa Nacional de Educação Sexual Integral) a partir de uma perspectiva sociosemiótica. É doutor em Semiótica (CEA-FCS-UNC), licenciado e professor em Literatura Moderna (FFyH-UNC) e licenciado em Comunicação Social (FCC-UNC). Leciona seminários de graduação e pós-graduação sobre gênero, sexualidades e teorias feministas.*

¹² Irigaray, Luce (2007): *Espéculo de la otra mujer*. Madrid: Akal.



Conversações



Maria Pia Costa, Psicoanalista de SPP y Directora del Consejo Profesional de FEPAL 2022-2024

Em Língua Viva: FEPAL Hoje Entrevista Maria Pía Costa

Por **Alicia Ángeles Ramírez***

O Conselho Profissional é uma área dentro do Conselho Diretor que está ligada ao cuidado dos membros federados e da profissão. É uma função promissora, que precisa de nossa participação para atingir esses objetivos. María Pía Costa Santolalla, Diretora dessa área, nos conta de Lima sobre o trabalho que vem realizando com representantes das associações, criando um espaço de intercâmbio para conhecer as realidades dos psicanalistas nas diferentes regiões e suas necessidades. Ela gentilmente nos recebeu e nos contou sobre sua própria abordagem nessa área, sua necessidade de adicionar trabalho em equipe e diversidade latino-americana ao seu trabalho no Conselho Profissional.

Essa área é um espaço de construção conjunta para a melhoria das condições de trabalho e profissionais, como a revisão de um código de ética, formação contínua, programas de bolsas de estudo para enfrentar o ataque da crise econômica, apoio em situações como migração ou aposentadoria, tensões diante da polarização política em nossa região. Aprender mais sobre o Conselho Profissional foi uma experiência encorajadora para nós e esperamos que seja a mesma coisa para você ([clique aqui e assista ao vídeo](#)).

* Analista em formação da Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). Integrante da Equipe de Publicações da FEPAL.

Marcadores de Calibán

Diversidade sexual e de gênero em Calibán

Por **Samantha Nigri***

*Flectere si nequeo superos, acheronta movebo.
Se não posso dobrar os poderes celestiais, agitarei o
Inferno. Virgílio, A Eneida, VII, 312.*

Pensar, vivenciar, estudar, escrever e fazer psicanálise são funções que não necessariamente acometem a um mesmo ser humano de maneira simultânea. Em todas elas o conceito e o tema da *Sexualidade*, ampliados e revolucionados por Freud, causarão impacto.

Mas para aqueles que atravessaram uma formação analítica e que se empenham em psicanalisar pessoas, sejam elas de que idade forem, as sexualidades com todas as suas tramas que constituem o sujeito humano, precisarão ser tomadas na dimensão da citação de Virgílio, na Eneida, que Freud escancarou, surpreendendo e horrorizando o status quo da época, ao publicar o primeiro texto psicanalítico – *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Não por acaso, este e os *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905), marcaram o início de uma mudança radical que culminou em saber-mo-nos marcados pelo universo pulsional e assim, desatados de qualquer destino fixo, imutável e conservador. A sexualidade humana, por esse viés, não é dada desde o começo da vida. Ela possui um furo, um mistério, um lugar daquilo que não se sabe.

A proposta editorial de Calibán oferece espaço para autores que, em sua essência, partem deste referencial psicanalítico de fazer contato e escutar a subjetividade humana em sua busca por cartografias singulares de relações com o mundo. Autores que em diversos números da coleção da revista buscam descer aos *infernos*, aos *upside down worlds* atuais, "os *Aquerontes*" que não devem ser tomados como os rios que levam aos infernos

judaico-cristãos, os submundos e sim como aquilo que perturba o solo que buscamos normatizar para iludir o fato de que durante a vida toda, as questões das sexualidades e de gênero se impõem a nós, num corrente refazer-se.

O leitor encontrará uma fartura de textos de analistas latino-americanos que se dispuseram a escutar e a refletir sobre o que a cultura e os movimentos sociais arrancam e convocam atualmente, lançando-se à observação psicanalítica e na sua aposta em oferecer uma recuperação ou a construção de uma verdade subjetiva *possível* e *passível* em cada um(x) de nós.

São trabalhos que levam em consideração o fato de que pessoas trans, não binários, bem como todos aqueles que estão afastados da norma, por revelarem a alteridade radical do humano que há em nós, acarretam hoje o impacto e o estranhamento similar ao que as mulheres e a conscientização da sexualidade infantil provocaram, estremecendo o pacto social na época de Freud. O paradigma e os estudos da interseccionalidade que dialogam com as neosexualidades, ou a busca pelas sexualidades que vemos hoje presentificadas em nosso trabalho clínico cotidiano, convocam a entrarmos em contato com os efeitos que essa diversidade causa em nossos próprios corpos erógenos em nossa própria subjetividade.

Os autores de Calibán mergulharam fundo, cultivando o terreno fértil que a metapsicologia nos oferece para que em seu próprio desenvolvimento, algo de sua *reescritura* ou *neoescritura*, sempre a partir da clínica e de sua interação com a cultura vigente, possa nascer. Com isso poderemos tecer novas palavras, pensamentos e teorias que promovem um pensamento psicanalítico que observa, pensa e acompanha a riqueza da aventura humana, que é o viver e o existir em nossas próprias subjetividades.

* *Psicanalista. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Integrante do colegiado de coordenação do Programa de Radio Perguntar e Pensar, parceria da SBPRJ com a Radio MEC/Brasil. Editora da seção Bitácula de Calibán RLP.*

Calibán Realidades & Ficções II Vol.12 (2)

- Ralph Roughton, *Um Argumento para a aceitação de psicanalistas gays.*

Calibán Deconstruir/Transformar Vol.16 (1)

- Patricia Alkolombre, *Desconstruções e transformações da sexualidade: "Ela não é uma mulher de verdade.*

Calibán O que não se sabe Vol.14 (2)

- Natalia Mirza Labraga, *O gênero do que não se conhece, gender queer.*
- Carlos Plastino, *Elementos para uma antropologia além do patriarcado.*

Calibán Femeninx Vol. 17 (1)

- Horacio Rotemberg, *Feminino-masculino: A questão da identidade de gênero.*
- Luis Campalans, *Sexualidad y diferencia.*

Calibán Transitoriedades/Incertezas Vol. 20 (2)

- Alberto Cabral, *Os estereótipos de gênero do analista e sua incidência no rumo da cura.*

Calibán Erótica Vol. 21 (1)

Todos os seus artigos.



Adriana Varejão, America, 1996